

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: lições que aprendi com professoras alfabetizadoras experientes

Juliana Pedrosa Bruns¹

Rita Buzzi Rausch²

Eixo temático: Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo geral suscitar reflexões aos professores alfabetizadores iniciantes a partir das lições que aprendi com as professoras alfabetizadoras experientes enquanto ainda cursava licenciatura em Pedagogia. Nesse percurso formativo, reflito que a possibilidade de acompanhar as professoras alfabetizadoras experientes, e aprender com elas as “lições” provenientes de suas experiências docentes, se tornou imprescindível para que, no ano seguinte, após licenciada em Pedagogia, assumisse uma turma de alfabetização como professora regente. Exponho que a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa é norteada pelo campo da pesquisa qualitativa do tipo autobiográfica. Para dialogar com a pesquisa encontrei respaldo principalmente em: Vaillant e Marcelo (2012, 2015, 2017), Soares (2014, 2016, 2020), Ferreira (2000), Nóvoa (2002, 2009, 2010) e Imbernón (2011). Pela experiência vivenciada, compreendo, portanto, que isso deveria ser possível a todos os professores que estão em processo de formação inicial e ingresso na profissão. Do mesmo modo, ressalvo que embora as professoras experientes tenham muito a contribuir com os docentes iniciantes, cabe refletir que no país existe a carência de programas e políticas públicas que valorizem e escutem a voz dessas professoras experientes e igualmente, auxiliem os professores iniciantes. Ademais, faço votos de que esta pesquisa sirva de reflexão e de inspiração para repensar o início de ingresso na profissão, que como abordado por teóricos aqui

¹ Doutoranda em Educação. Bolsista CAPES na Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB (PPGE-FURB). Contato: julianap.bruns@gmail.com

² Doutora em Educação (UNICAMP). Professora visitante da Fundação Universidade Regional de Blumenau – (PPGE-FURB) e da Universidade da Região de Joinville (PPGE-UNIVILLE). Contato: ritabuzzirausch@gmail.com

evidenciados, deveria ser amparado por professores experientes para amenizar os desafios comumente frequentes nesta etapa da carreira docente.

Palavras-chave: Formação docente; Desenvolvimento profissional docente; Narrativas (auto)biográficas; Professoras alfabetizadoras experientes; Professoras alfabetizadoras iniciantes.

A proposta deste diálogo é...

A proposta deste diálogo é refletir³ por meio de relatos autobiográficos⁴ as lições que aprendi com professoras alfabetizadoras experientes enquanto ainda cursava licenciatura em Pedagogia. Nesse percurso formativo, reflito que a possibilidade de acompanhar as professoras alfabetizadoras experientes, e aprender com elas as “lições” provenientes de suas experiências docentes, se tornou imprescindível para que, no ano seguinte, após licenciada em Pedagogia, assumisse uma turma de alfabetização como professora regente.

Ao rememorar as lições que aprendi com as professoras alfabetizadoras em meu percurso inicial como docente, tenho por objetivo nesta pesquisa suscitar reflexões aos professores alfabetizadores a partir de minhas lembranças e vivências enquanto professora alfabetizadora iniciante e possibilitar por meio desta reflexão, caminhos que promovam uma maior atenção nos primeiros anos do exercício docente, especialmente aos professores alfabetizadores. Do mesmo modo, busco refletir por meio do diálogo com alguns autores, a importância do acompanhamento de professores alfabetizadores mais experientes nos primeiros anos do exercício docente. Compreendo, diante da minha própria experiência profissional enquanto professora alfabetizadora, que é nestes anos em que se transita de aluno para professor ser essencial, como expôs Nóvoa (2009), consolidar as bases de uma formação que tenha como referência o acompanhamento dos professores mais experientes e de uma integração na cultura profissional docente.

³ Exponho ao leitor que tomo aqui a liberdade de não utilizar nessa pesquisa recursos de impessoalização comuns no discurso acadêmico (como a utilização da primeira pessoa do plural) colocando-me explicitamente como sujeito ativo no percurso de escrita.

⁴ As experiências autobiográficas aqui expostas partem de vivências da primeira pesquisadora deste artigo. Contudo, a segunda pesquisadora também possui em sua trajetória profissional experiência na alfabetização e é líder do grupo de pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas (GPFORPE) da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Neste trabalho assume o papel de orientadora e coautora.

Elucido ao leitor que a abordagem metodológica aqui empregada é norteada pelo campo da pesquisa qualitativa do tipo autobiográfica. Finger e Nóvoa (2010) observam que o método autobiográfico permite que cada sujeito identifique na sua própria história de vida aquilo que de fato, foi formador e ressaltam, que a pessoa que se implica numa abordagem desse gênero está desencadeando um processo de autoformação.

Para dar continuidade nesta narrativa, a seguir revelo brevemente ao leitor na seção intitulada: “percursos vividos nesta caminhada”, na qual narro o início do meu percurso profissional desde a graduação em licenciatura em Pedagogia até o ingresso no curso de Doutorado em Educação.

2 Percursos vividos nesta caminhada

O início deste percurso ocorre mais precisamente em 2012, quando iniciei no curso de licenciatura em Pedagogia. Desde o início, rememoro que já ansiava pelas aulas de Alfabetização e Letramento que só ocorreriam no 5º semestre. Em 2014, ao então, vivenciar a disciplina de Alfabetização e Letramento na Graduação, senti ainda mais vontade de experienciar na prática tudo que vinha aprendendo durante as aulas e mais do que isso, queria compreender como as crianças eram alfabetizadas.

Em 2015 realizei a entrevista em uma escola da rede privada na mesma cidade e fui contratada como auxiliar de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental no período matutino e no período vespertino como corregente nas turmas do 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental, estando mais dias acompanhando a professora do 2º ano pelo motivo de os estudantes serem menores e necessitarem de maior atenção, visto que estavam no processo de alfabetização.

Em dezembro do respectivo ano finalizei a Graduação em Licenciatura em Pedagogia e no ano seguinte após processo seletivo nessa escola da rede privada de ensino, iniciei como professora de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. Por fim, passei a ser professora alfabetizadora e mais do que isso, o ano de 2016 seria o meu primeiro como professora regente. Um misto de emoção, ansiedade e dúvidas residiam comigo, um sentimento frequente nos primeiros anos de docência conforme observados por Vaillant e Marcelo (2012) como uma etapa marcada pela ansiedade de aprender o ofício de ensinar, na qual as dúvidas, as inseguranças e a ansiedade

por introduzir-se na prática acumula-se e reside sem boa vizinhança. Ao mesmo tempo, ao discorrerem sobre as etapas do desenvolvimento profissional docente, observam que a “etapa C – de Começo” é caracterizada pelos primeiros anos do professor e nessa etapa deveriam ser incluídas medidas de apoio e supervisão, além de uma avaliação formal para certificar a obtenção de habilidades sem as quais os docentes não poderiam acessar a profissão (VAILLANT; MARCELO, 2015).

Nos anos seguintes, continuei exercendo à docência com turmas de alfabetização na rede privada e municipal de ensino, ambas localizadas na mesma cidade. No início de 2019 ingressei no Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade localizada no interior do estado de Santa Catarina e, agora, já cursando o primeiro semestre do Doutorado em Educação, continuo a fazer parte do mesmo grupo que investiga a formação de professores, o que vem me possibilitando refletir sobre a formação docente, especialmente do professor alfabetizador, visto que perpassa meu objeto de pesquisa.

Exponho ao leitor, que em minha pesquisa de Mestrado já finalizada, intitulada: lições de professoras alfabetizadoras “experientes” às professoras alfabetizadoras “iniciantes”: contribuições para o desenvolvimento profissional docente, rememorei constantemente as lições que aprendi com as professoras alfabetizadoras mais experientes e reflito que aprender com elas na prática foi importante para o meu desenvolvimento profissional docente e para reduzir posteriormente o “choque com a realidade” exposto por Veeman (1984) para referir-se à condição pela qual passam muitos docentes em seu primeiro ano de docência (VAILLANT; MARCELO, 2012).

Nessa direção, Vaillant e Marcelo (2012) observam que deveriam ser promovidos aos professores iniciantes programas de iniciação que procuram estabelecer estratégias para reduzir ou reconduzir o denominado “choque com a realidade”. E foi exatamente isso que ocorreu nos meus primeiros anos como docente, e no meu primeiro ano como auxiliar de professora alfabetizadora. Ao ter a possibilidade de vivenciar na prática e aprender com os professores mais experientes, foi possível reduzir o denominado “choque com a realidade” ainda enquanto cursava a Graduação.

A seguir, compartilho com o leitor as lições que aprendi ao acompanhar as professoras alfabetizadoras experientes.

2. 1 Lições que aprendi ao acompanhar professoras alfabetizadoras experientes

Primeira lição: Não existe um único caminho para alfabetizar, ou seja, não existe um único método para alfabetização. Inclusive no Mestrado, ao aprofundar os estudos acerca do tema, encontrei em Soares (2016) no seu livro intitulado: “alfabetização: a questão dos métodos”, a compreensão de que a palavra “método” não pode ser remetida a algo exclusivo e “acabado” e sim, como uma teoria ou procedimento que cada professor alfabetizador preza ser necessário empregar para chegar “ao fim” ou seja, a criança alfabetizada.

Segunda lição: Aprendi que ser professora alfabetizadora requer conhecimentos específicos sobre “como alfabetizar” as crianças, e isso implica a necessidade de possuir saberes específicos que dizem respeito ao processo de alfabetização das crianças. Estando no Mestrado, encontrei respaldo em Soares (2014, p. 31), quando ela observa que há “saberes e fazeres” na alfabetização e que “[...] há SABERES teóricos e há os SABERES da prática; dessa maneira, há FAZERES propostos por teorias, e há os FAZERES propostos pelas práticas [...]”. Corroboro com a autora, pois as professoras alfabetizadoras experientes possuíam mais que “saberes” e “fazer” teóricos, possuíam “saberes” e “fazer” provenientes da prática pedagógica.

Terceira lição: Aprendi que é necessário alfabetizar letrando, pois mais que saber ler e escrever, é necessário que a criança consiga compreender o que leu e escreveu, ou seja, que saiba fazer uso social da escrita.

Quarta lição: Aprendi que muitas crianças irão necessitar de um tempo maior para serem alfabetizadas. Contudo, percebi que o estímulo é fundamental e estar em um ambiente letrado que instigue a criança a estar imersa com diferentes gêneros textuais faz com que ela tenha maiores oportunidades de ser alfabetizada e letrada.

Quinta lição: Aprendi que as crianças são “espelhos” de suas professoras, pois, o dia em que por ventura, a professora regente demonstrava estar mais “agitada” e “ansiosa”, as crianças também pareciam ficar assim. Já nos dias em que demonstrava se sentir tranquila, as crianças do mesmo modo pareciam estar tranquilas. Por isso, rememoro que sempre busquei demonstrar confiança para minhas crianças, confiança de que acreditava no potencial delas, confiança de que todas, cada uma no seu tempo, era capaz de ser alfabetizada e letrada!

Sexta lição: Aprendi como desenvolver um projeto com as crianças, e a realizar atividades pedagógicas relacionadas a ele. Ao mesmo tempo, percebi que o trabalho com projetos possibilita ao professor conhecer melhor o interesse das crianças, propiciando uma participação ativa na realização das atividades.

Sétima lição: Aprendi que não basta ter o alfabeto em sala de aula, mas que é preciso explorá-lo. Estando no Mestrado, ao aprofundar meu conhecimento acerca da compreensão da escrita pela criança, Ferreiro (2000), em reflexões sobre alfabetização, relata a respeito das concepções elaboradas pelas crianças sobre o sistema de escrita na qual observa que os indicadores mais evidentes das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas.

Oitava lição: Aprendi ainda, questões que dizem respeito à organização do caderno e atividades registradas pelas crianças. Na rede privada em que atuei, por exemplo, as crianças eram ensinadas a realizarem o traçado correto da letra e em sala, o alfabeto era exposto na letra “caixa-alta”, letra de imprensa “script” e letra cursiva. A caligrafia era muito estimada e isso era cobrado das crianças. Prezava-se muito a organização e o capricho na realização das atividades.

Hoje, estando no Doutorado, reflito sobre essa questão e compreendo que mais importante que a criança escrever caligraficamente, ela precisa estar imersa em diferentes atividades que possibilitam o movimento de pinça/estimulando a coordenação motora fina. Na verdade, na referida instituição de ensino isso ocorre desde a educação infantil. As crianças são amplamente estimuladas e imersas em diferentes linguagens.

Nona lição: Aprendi que não há tempo para tudo. Além disso, confesso que uma das coisas que eu mais sentia falta e percebia que as crianças também sentiam era de “tempo” - para brincar! E isso lhes falo que já na pré-escola ocorria ... ou tempo até mesmo para demorar e se deleitar em determinada atividade. Com frequência eu me perguntava sobre o que seria o certo a fazer. De fato, as crianças estavam aprendendo... não estavam? Mas, era como se a preocupação desde a mais tenra idade já fosse visando o futuro/sempre o próximo ano... e assim a infância vai ficando no “tempo”, tempo esse que não volta mais.

Décima lição: Aprendi que em muitos momentos, não adianta insistir para uma criança fazer algo e que muitas vezes, ela age de determinada forma, porque ela

mesma não sabe como reagir de outra forma. Contudo, exponho ao leitor que momentos assim são difíceis quando vivenciados, no entanto, quando isso ocorria, posteriormente eu buscava refletir sobre o acontecido e, nessa reflexão acabava por perceber que essas crianças precisavam apenas de paciência, carinho, atenção e compreensão. Precisavam de afeto.

Décima primeira lição: Aprendi que com frequência seremos confrontados por mães e pais que possam vir a duvidar e a questionar o nosso trabalho, por isso é importante estar em constante formação. Muito embora, nem sempre a instituição educativa irá propiciar formações continuadas que de fato vão ao encontro das reais necessidades dos professores, uma formação “centrada na escola”, Imbernón (2011) e Vaillant e Marcelo (2015).

Décima segunda lição: Aprendi que devemos demonstrar confiança do trabalho realizado em sala de aula. No entanto, reflito que isso é mais difícil para os professores iniciantes, pois o período de inserção é um tempo de tensões e aprendizagens intensivas (VAILLANT; MARCELO, 2015).

Décima terceira lição: Aprendi que é muito bom o trabalho em equipe, embora nem sempre seja fácil, pois muitas vezes é necessário “ceder” a uma opinião contrária à sua. Contudo, é uma ótima oportunidade para crescer e aprender com o outro. Quando professoras se unem, o trabalho voa mais alto!

Décima quarta lição: Aprendi que um dos maiores desafios é a inclusão em sala de aula e que as escolas como a conhecemos, não estão preparadas para lidar com as diferenças, embora a educação gratuita e de qualidade seja um direito de todos, há muito o que fazer para que isso seja realidade.

Décima quinta lição: Aprendi que muitas vezes o planejamento diário não sai conforme o planejado, mas muitas vezes sai ainda melhor! Por isso, ressalvo acerca da importância de conhecer as crianças.

Décima sexta lição: Aprendi ainda que a coordenação pedagógica deve caminhar lado a lado com os professores, e que devemos ver a equipe pedagógica como uma aliada do trabalho docente. Inclusive, exponho ao leitor que em muitos momentos, o auxílio da equipe pedagógica contribuiu muito no início da minha caminhada enquanto professora alfabetizadora iniciante.

5 Algumas possibilidades de reflexão sobre o acompanhamento de professores

experientes...

Ao revisitar o passado foi possível refletir o quanto as lições advindas da minha experiência com as professoras alfabetizadoras experientes foram imprescindíveis para o meu desenvolvimento profissional docente e minha inserção na profissão como alfabetizadora, pois, no ano seguinte, após licenciada em Pedagogia, passei a assumir uma turma de alfabetização como professora regente. Compreendo, portanto, que isso deveria ser possível a todos os professores que estão em processo de formação inicial e ingresso na profissão, pois a partir de minha experiência pessoal posso afirmar que os saberes originários da prática pedagógica das professoras alfabetizadoras experientes contribuíram muito para minha constituição de professora alfabetizadora iniciante.

Do mesmo modo, ressalvo que embora as professoras experientes tenham muito a contribuir com os docentes iniciantes, cabe refletir que no país existe a carência de programas e políticas públicas que valorizem e escutem a voz dessas professoras experientes e igualmente, auxiliem os professores iniciantes.

Exponho ainda ao leitor que a escolha do método aqui empregado, corrobora com o que acredito ser fundamental para a valorização dos professores em nosso país, “ouvi-los” em suas necessidades, dar-lhes “a escuta”.

Para finalizar essa reflexão, sempre em aberto, tomo como minhas as palavras de Soligo e Prado (2007, p. 42): “compartilhando nossas experiências, nossas ideias, nossas palavras e nossas compreensões, temos demonstrado em atos o quanto podemos como educadores. E continuamos procurando caminhos. Porque só esses não nos satisfazem”.

Referências

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales (et al.), 25 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FINGER, Mathias. NÓVOA, António (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCELO, Carlos. VAILLANT, Denise. Políticas e programas de indução na docência na América Latina. **Cad. Pesqui. [online]**, v.47, n.166, p.1224-1249, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742017000401224&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 abr. 2020.

NÓVOA, António. **As Minhas Lições de Escola**. 2002. In: PEREIRA, Sara Marques (Org.). Memórias da escola primária portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

NÓVOA, António. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. Alfabetização: o saber, o fazer, o querer. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Orgs.). **A alfabetização e seus sentidos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOLIGO, Rosaura. PRADO, Guilherme do Val Toledo. Leitura e escrita: dois capítulos desta história de ser educador. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLIGO, Rosaura (Orgs.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

VAILLANT, Denise. MARCELO, Carlos. **EI ABC y D de La Formación Docente**. Madrid – Espanha. Narcea, S.A. de Ediciones, 2015.

VAILLANT, Denise. MARCELO, Carlos. **Ensinando a ensinar**: as quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012.